

Edição Diária do Congresso de Neurologia 2022  
(17 a 19 de novembro)

# Correio

SPN

Publicação distribuída gratuitamente no Congresso

18

NOVEMBRO

6.ª feira



Acenda à versão digital

## CONSOLIDAR SABERES EM PATOLOGIAS NEUROLÓGICAS



Com um programa que promete deixar a assistência a refletir sobre uma multiplicidade de temas, o segundo dia do Congresso de Neurologia 2022 arranca com uma sessão de vídeos interativa dedicada às patologias com hipercinesia (P.2). Seguem-se apresentações sobre os domínios da cognição e da memória (P.6) e a perturbação da hiperatividade e défice de atenção (PHDA) ao longo da vida (P.10). No último dia de congresso, sábado, destacam-se o debate “Estará o SNS em estado de coma?” (P.12-13), a conferência que explorará a relação entre a Neurologia e as aves (P.14) e a conferência Fernando Lopes da Silva, que, este ano, incide nos novos tratamentos para a esclerose múltipla (P.16). Ainda haverá tempo para um balanço do último triénio da revista *Sinapse*, com projeção dos objetivos a curto/médio prazo (P.18) e para a divulgação dos vencedores dos prémios e bolsas da SPN (P.20)

Alguns oradores e moderadores dos dois últimos dias do Congresso de Neurologia 2022, acompanhados por membros da direção da SPN (da esq. para a dta.):  
À frente – Dr.ª Daniela Garcez, Dr.ª Ana Inês Martins, Dr.ª Catarina Fernandes e Dr.ª Inês Cunha. Atrás – Dr. Filipe Palavra, Prof. Vítor Oliveira, Dr. Miguel Rodrigues, Prof. Rui Araújo, Dr. Pedro Cabral, Dr. Luís Negrão e Dr. Miguel Seródio.

8h30 – 10h00

## Espaço interativo de raciocínio clínico dedicado às patologias com hipercinesia

Decorre hoje aquele que promete ser um dos momentos mais interativos do Congresso de Neurologia 2022. A sessão consistirá na apresentação de vídeos acerca de patologias com hipercinesia, nomeadamente casos que se destacam pelos seus desafios diagnósticos. Cada caso será discutido com a assistência, que, posteriormente, votará naquela que considera ser a opção de diagnóstico correta.

Cláudia Brito Marques



Alguns dos intervenientes na sessão "Patologias com hipercinesia": Dr.ª Catarina Fernandes, Prof. Rui Araújo, Dr.ª Ana Inês Martins e Dr.ª Inês Cunha

manifestar-se vários anos antes, o que justifica o aumento do interesse da Neurologia por esta patologia do sono".

Por sua vez, a Dr.ª Ana Inês Martins, neurologista no CHUC, irá falar da hipercinesia no olhar. "Esta palestra interativa tem como objetivo evidenciar a importância da avaliação cuidadosa dos movimentos oculares. No caso clínico que vou apresentar, apenas a avaliação e caracterização das alterações da fixação do olhar presentes na doente, e a sua integração no restante quadro clínico, permitiram o diagnóstico de uma síndrome paraneoplásica do sistema nervoso central raro – a síndrome de *opsoclonus-mioclonus-ataxia*", avança.

Em alguns casos, "esta síndrome apresenta-se anos antes do diagnóstico do tumor primário". "Apenas um correto diagnóstico poderá levar a uma deteção mais célere da neoplasia subjacente", esclarece Ana Inês Martins. Há ainda espaço para abordar vários aspetos relativos a esta síndrome, como a sua etiologia, exames complementares de diagnóstico mais pertinentes e terapêuticas mais adequadas.

### Alterações da marcha e tremores dos membros

O Prof. Rui Araújo, vice-presidente da SPN, será outro dos intervenientes nesta sessão. "As minhas expectativas são que se revele uma sessão interativa, divertida até, de vinhetas clínicas muito curtas, sem grandes explanações teóricas em relação aos casos, mas antes um registo muito gráfico e vivo de patologias que são desafiantes", comenta o neurologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto.

Esta visão é partilhada pela Dr.ª Inês Cunha, presidente prévia da Comissão de Internos e Recém-Especialistas de Neurologia (CIREN): "O objetivo passa por mostrarmos a semiologia, falarmos da topografia das síndromes e tentarmos desmistificar aquilo que vemos, mas em situações do dia-a-dia, ao invés de casos de etiologia raríssima".

Nesta sessão, a neurologista do CHUC apresenta dois casos clínicos que se focam nas alterações da marcha e nos episódios paroxísticos. Já os dois casos clínicos trazidos por Rui Araújo contemplam "uma situação de tremor nos membros inferiores e um caso de movimentos involuntários num braço".

Segundo a Dr.ª Isabel Luzeiro, presidente da Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN), a inclusão de uma sessão dedicada a patologias com hipercinesia no programa deste evento deve-se ao facto de "muitas doenças cursarem com hipercinesia". "Antigamente, era muito frequente associar-se esta condição às doenças do movimento. Atualmente, sabe-se que a epilepsia, as doenças do sono e até as doenças ditas funcionais podem ter hipercinesia", explica a também neurologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC).

Enquanto uma das intervenientes nesta sessão, a Dr.ª Isabel Luzeiro afirma que a participação da assistência "será encorajada com perguntas submetidas a televoto, de forma a aumentar a curiosidade e a interação entre palestrantes e restantes participantes do congresso". "Ao apresentarmos os vídeos, colocaremos também propostas diagnósticas para serem votadas e discutidas de forma interativa."

Num evento cujo mote é a interdisciplinaridade, a presidente da SPN defende que "é preciso ter presente que as várias áreas dentro da Neurologia se entrecruzam e necessitam de ser estudadas

e discutidas pelas equipas que trabalham em áreas distintas". Saliencia ainda a "enorme pertinência científica" de sessões com recurso a vídeos, que já não são uma novidade nas reuniões da especialidade. "Permite interação e entusiasmo na votação e configura uma forma de aprendizagem mais leve, que no final resulta melhor", conclui.

### Patologia do sono e hipercinesia do olhar

A hipercinesia na patologia do sono será o foco da intervenção da Dr.ª Catarina Fernandes, interna de Neurologia no CHUC. "O objetivo será apresentar aos colegas um caso sobre doenças que se manifestam com movimentos hipercinéticos durante o sono", adianta. Nesse sentido, destaca a patologia do sono REM (sigla em inglês para movimento rápido dos olhos).

"A REM *sleep behavior disorder* é uma entidade clínica que está a ser cada vez mais diagnosticada, sendo necessário que os neurologistas estejam muito atentos aos sinais e procurem fazer este diagnóstico", explica. Isto porque "sabe-se agora que em algumas doenças degenerativas, nomeadamente na doença de Parkinson, esta patologia do sono REM pode





## Para onde caminham as Neurociências?

Esta é a questão que dá mote às “Conversas com o perito” patrocinadas pela Roche, que, com a intervenção de dois especialistas, vão refletir sobre novos caminhos no diagnóstico e no tratamento de doenças neurológicas como a esclerose múltipla, a doença de Alzheimer e a atrofia muscular espinhal, entre outras.

Marta Carreiro



Dr. Jan Schadrack e Dr.ª Mariana Dias

**A**o longo dos anos, as doenças que envolvem o sistema nervoso têm sido das mais difíceis de tratar, apesar de afetarem milhões de pessoas, incluindo cuidadores e profissionais de saúde, além dos próprios doentes. Recentemente, têm-se registado avanços significativos, nomeadamente a descoberta de biomarcadores e alvos mais eficientes, que permitem o desenvolvimento de novos e mais dirigidos tratamentos para diversas doenças neurológicas.

A Roche tem sido uma das empresas farmacêuticas que mais apostam na investigação em Neurociências, tanto na vertente do diagnóstico como do tratamento. “Vivemos um tempo de mudança, em que conseguimos compreender muito melhor a complexidade da Neurologia, pelo progresso que tem sido alcançado na área das Neurociências, compreendendo melhor a neurobiologia e utilizando inovações da neuroimagem, da biologia molecular e da ciência computadorizada”, afirma o Dr. Jan Schadrack, *therapeutic area head Neuroscience and Rare Diseases* na Roche e preletor da sessão.

### Avanços no diagnóstico

Também oradora nesta conversa entre peritos, a Dr.ª Mariana Dias, *clinical development lead Neurology* na Roche Diagnostics, sublinha que “o investimento na área das Neurociências representa uma necessidade pública, tendo sempre os doentes como principal foco”. A título de exemplo, a preletora destaca o trabalho da Roche no sentido de entender melhor a doença de Alzheimer, “pelo impacto gigante que tem na vida das pessoas e nos sistemas de saúde”. “Na vertente diagnóstica, também estamos a dedicar muita atenção à esclerose múltipla, à doença de Parkinson e à doença de Huntington”, acrescenta.

Na sua intervenção, Mariana Dias dará conta dos avanços da Roche Diagnostics no âmbito dos testes sanguíneos. “Será muito mais fácil para um médico solicitar um teste de sangue, que pode, efetivamente, influenciar o diagnóstico, reduzindo os encargos nos sistemas de saúde”, antecipa.

Por outro lado, a preletora evidencia as vantagens da análise do líquido cefalorraquidiano, “um dos testes que mais valor trouxe ao diagnóstico da doença de Alzheimer, completando a informação observada na ressonância magnética ou na tomografia por emissão de positrões”. No entanto, “são testes que exigem a realização de punção lombar, um procedimento desafiante para os doentes”, refere Mariana Dias, destacando as mais-valias dos testes sanguíneos como alternativa.

Também importante é a descoberta de novos biomarcadores que possam ser adicionados ao processo do diagnóstico e que tragam valor clínico para as diferentes doenças neurológicas. “Temos-nos dedicado muito a explorar o papel que diversos biomarcadores possam desempenhar no diagnóstico ou monitorização da progressão das doenças neurológicas.” Mariana Dias reforça ainda o facto de o diagnóstico precoce ser essencial em todas as áreas, mas especialmente na Neurologia, pois “muitos doentes neurológicos ficam longos anos sem sintomas, mas as doenças continuam a progredir”.

### Inovações terapêuticas

“Na Roche, procuramos usar as tecnologias adequadas para compreender as doenças e a ciência clínica inicial, bem como tentar melhorar a ciência de *late-stage*, percebendo como impacta a prática clínica diária e os sistemas de saúde”, revela Jan Schadrack. Quanto a desenvolvimentos terapêuticos no âmbito da Neurologia, “a Roche está empenhada em trazer soluções para áreas patológicas com grandes necessidades médicas por responder” (ver caixa).

Uma delas é a neuroimunologia, com destaque para a esclerose múltipla (EM). “Tivemos grande sucesso quando introduzimos um medicamento que é hoje amplamente utilizado em vários países no tratamento da EM”, afirma o responsável, referindo-se ao ocrelizumab. “Temos conseguido grandes progressos na vertente inflamatória da EM. Um dos desafios prende-se com o desenvolvimento de fármacos que atuem dentro do tecido cerebral, ultrapassando a barreira hematoencefálica. Outra possibilidade é a criação de um sistema de transporte específico de moléculas complexas do sangue para o tecido cerebral, que poderá ser mais eficaz do que as abordagens atuais”, acrescenta Jan Schadrack.

A investigação em doenças neurodegenerativas também tem sido uma das prioridades da Roche. “Queremos perceber o que causa o processo degenerativo das células nervosas, que mecanismos lhe estão subjacentes e o que há de comum e de específico em cada doença neurodegenerativa”, avança o *therapeutic area head*.

A Roche também tem vindo a investir na investigação em atrofia muscular espinhal, que já resultou no lançamento de um novo fármaco que “atua ao nível do prognóstico, da qualidade e da esperança de vida” dos doentes. “O risdiplam configura uma inovação fantástica, porque é o único da sua classe terapêutica de administração oral”, conclui o preletor.

### ÁREAS TERAPÊUTICAS DA ROCHE EM NEUROLOGIA

- Neuroimunologia (esclerose múltipla, miastenia *gravis* e outras doenças mais raras);
- Doenças neurodegenerativas (Alzheimer, Parkinson e Huntington);
- Doenças neuromusculares (atrofia muscular espinhal);
- Doenças do neurodesenvolvimento (síndrome de Angelmans);
- Doenças do domínio da neuropsiquiatria (esquizofrenia, autismo);
- Acidente vascular cerebral.



Nos destaques das entrevistas em vídeo, saiba mais sobre os avanços proporcionados pela Roche no âmbito da Neurologia e das Neurociências.



11h00 – 12h00

## Cognição, memória e esquecimento

A relação entre a memória e as restantes funções cognitivas e a perceção do esquecimento enquanto aliado da memória são dois dos assuntos a ser abordados na sessão desta manhã, dedicada à cognição e à memória. Em destaque estarão conceitos como a relação das capacidades mnésicas com os restantes domínios cognitivos, o esquecimento e a demência.

Cláudia Brito Marques



A também professora auxiliar convidada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra vai ser a segunda palestrante da sessão, na qual pretende transmitir a mensagem de que “compreender a curva de esquecimento dita anormal poderá ajudar a compreender melhor as diferenças entre o envelhecimento cognitivo normal e o envelhecimento cognitivo patológico”.

### Diferenças entre os tipos de memória

Com base no livro recente *The Benefits of Not Remembering* de Scott Small, Ana Rita Silva reforça a ideia de que “a memória implícita, ou seja, as memórias das aprendizagens que se tornam automáticas, mantém-se durante muito mais tempo do que a memória explícita”. “Quando falamos de esquecimento, referimo-nos sempre a algo que alguém nos disse, e o mais óbvio é essa informação episódica mais imediata. Mas, na verdade, o esquecimento pode dar-se a vários níveis, uma vez que a memória tem diversas dimensões, quer no tempo, quer no conteúdo. E também esse conteúdo faz variar o que é esperado de uma taxa de esquecimento”.

Na área da prevenção da demência, Ana Rita Silva acredita que “uma população em risco, mas ainda saudável – e que constitui uma área ainda por desbravar – pode ser uma boa população para estudar os níveis de esquecimento saudáveis”. Segundo a preleitora, “o conhecimento sobre o esquecimento é um trabalho ainda em curso”. Depois de ter partilhado alguma informação a este respeito, já em 2022, num evento a propósito do Dia Mundial do Cérebro, “já surgiram novos artigos neste âmbito, havendo, inclusive, um estudo a decorrer”, novidades essas que também merecem hoje destaque na apresentação da investigadora, em Aveiro. 🌱

A sessão começará com a intervenção do **Prof. Pedro Nascimento Alves**, que nota que “a memória é influenciada por todos os outros domínios cognitivos, tais como as capacidades visoperceptivas e visoespaciais, a linguagem e a atenção”. O membro do Laboratório de Estudos de Linguagem, Centro de Estudos Egas Moniz da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, afirma que o contrário também acontece, “estabelecendo-se uma relação bidirecional”.

“Irei analisar esta relação do ponto de vista do funcionamento do cérebro normal, mas também do cérebro com patologia. Há doenças que dão esquecimento, algumas delas bastante frequentes, como o acidente vascular cerebral e a doença de Alzheimer”, explica o também neurologista no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria. Por outro lado, “há doenças que não afetam diretamente a memória, mas que configuram alterações da representação dos processos de memória”.

Parte da apresentação de Pedro Nascimento Alves assenta num “paralelismo entre as semelhanças e as diferenças da memória humana com sistemas de memória artificiais, como um disco rígido ou a memória do computador”. “O que acho

mais curioso é perceber como é que a partir de células elementares, os neurónios, conseguimos construir uma função cognitiva tão complexa como a memória”, comenta.

O preleitor irá partilhar também de estudos que considera mais intrigantes ou curiosos acerca daquela que é uma das funções cognitivas mais estudadas de sempre. “O meu objetivo será abordar a memória de um ponto de vista abrangente, indo desde a célula até à doença no ser humano, passando pelo seu funcionamento em pessoas saudáveis.

### Esquecimento enquanto aliado da memória

O esquecimento, esse, tende a ser encarado como um processo prejudicial à memória e à cognição. Porém, “até um certo limite, o esquecimento é saudável e fundamental para o processo de memória”, revela a **Prof.ª Ana Rita Silva**, neuropsicóloga clínica e investigadora auxiliar no Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da Universidade de Coimbra. “Só conseguimos fazer novas aprendizagens e adquirir novas memórias se tivermos a capacidade de eliminar informação irrelevante da nossa caixa mnésica”, esclarece.

### Sabia que...

... a memória autobiográfica pode confluir para um tipo de funcionamento cognitivo obsessivo, ou até levar ao desenvolvimento de uma psicopatologia?

De acordo com Ana Rita Silva, “as pessoas com memória autobiográfica excepcional ou particularmente acentuada têm dificuldade em esquecer eventos potencialmente traumáticos e marcantes, o que pode impedir o normal funcionamento do seu cérebro”.



Mais pormenores em vídeo sobre as temáticas da sessão “Cognição e memória”



sobi

# Há 25 Anos a tratar epilepsia refratária

Menos crises.<sup>1</sup>

Crises mais curtas.<sup>2</sup>

Recuperação mais rápida.<sup>2,3</sup>



O Finn é um doente  
real tratado com VNS  
Therapy

## Porquê esperar?

[www.vnstherapy.co.uk](http://www.vnstherapy.co.uk)

Epilepsia (Non-US) — O sistema VNS Therapy está indicado para utilização como terapia auxiliar na redução da frequência de crises em doentes cuja doença epilética seja dominada por crises parciais (com ou sem generalização secundária) ou crises generalizadas que são refratárias aos medicamentos antiepiléticos. Os dispositivos AspireSR® e SenTiva™ integram o modo de estimulação automática que se destina a ser utilizado por doentes que sofram crises associadas a um aumento da frequência cardíaca designada por taquicardia ictal. Os eventos adversos mais comumente reportados foram alteração da voz, tosse, irritação na garganta e dispneia.

Para informações adicionais visite <http://www.vnstherapy.co.uk>

LIVANOVA BELGIUM NV  
Ikaroslaan 83  
1930 Zaventem  
Belgium  
Tel.: +32 2 720 95 93  
Fax: +32 2 720 60 53

#### Referências:

1. Kawai K et al. Epileptic Disord. 2017; 19(3):1-12.
2. Orosz I et al. Epilepsia. 2014 Oct; 55(10):1576-1584.
3. Data on File, LivaNova, Houston, TX.

# O que dizem a evidência e a experiência de vida real sobre o ofatumumab?

Intitulado “Kesimpta®: o caminho na EM que percorremos juntos”, o simpósio promovido hoje pela Novartis vai destacar a evidência científica e a experiência da vida real relativas a este fármaco de alta eficácia no tratamento da esclerose múltipla (EM).

Pedro Bastos Reis

Na primeira preleção, o **Prof. João Cerqueira** vai discorrer, em particular, sobre os resultados do estudo de extensão do ensaio clínico ASCLEPIOS<sup>1</sup>. “Comparativamente à teriflunomida, o ofatumumab demonstrou maior eficácia na redução dos surtos e da progressão da doença, com bons resultados ao nível da supressão total da doença e valores NEDA [no evidence of disease activity] entre 80 e 90%, sendo ainda superior na redução dos níveis séricos de neurofilamentos<sup>1</sup>”, destaca o coordenador da Consulta de Esclerose Múltipla do Hospital de Braga.

EM, tanto em doentes que estão a começar o tratamento e têm doença mais ativa, como em doentes que falharam à primeira linha com teriflunomida, fumarato de dimetilo e mesmo fingolimod”, conclui.

## Experiência de vida real

Em seguida, o **Dr. Carlos Capela** vai discorrer sobre a experiência com o ofatumumab na prática clínica do Serviço de Neurologia do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central/Hospital de Santo António dos Capuchos (CHULC/HSAC), onde coordena a Consulta de Esclerose Múltipla. “Utilizamos este fármaco sobretudo em segunda linha terapêutica, em doentes com falência à primeira linha, e também nos doentes em *switch* devido a questões de segurança, como o risco de desenvolvimento de leucoencefalopatia multifocal progressiva”, revela o neurologista.

“Temos uma pequena percentagem de doentes que, pela agressividade da sua doença, começaram logo com o ofatumumab em primeira linha. Estes casos requerem fármacos de elevada eficácia e com rapidez de ação, sendo o ofatumumab uma opção interessante”, considera. Nesse sentido, “no CHULC/HSAC, a tendência é de, cada vez mais, “inverter a pirâmide terapêutica, para possibilitar um tratamento eficaz aos doentes com EM mais precocemente”. Da sua experiência com o ofatumumab, Carlos Capela salienta ainda a “comodidade de administração”, notando que “há uma partilha de decisão com o doente”, que pode “controlar a sua doença com tratamento domiciliário, diminuindo as deslocações ao hospital”.

Também orador no simpósio, o **Prof. David Paling** vai apresentar a experiência do Royal Hallamshire Hospital, em Sheffield, Reino Unido, onde se começou a utilizar o ofatumumab em agosto de 2021. “Neste momento, temos 121 doentes em tratamento com ofatumumab, sendo que 22 participaram no estudo ASCLEPIOS<sup>1</sup> e 18 na sua extensão, o estudo ALITHIOS”, conta o neurologista britânico.

David Paling revela que, no seu hospital, este fármaco está a ser utilizado “em doentes que estão numa fase inicial da doença, mas também em situações de *switch*, devido à falência de outra terapêutica ou reações adversas”. “Utilizamos o ofatumumab há pouco mais de um ano e, até agora, temos verificado que a sua eficácia na prática clínica corrobora os resultados da evidência científica”, assegura o neurologista, destacando o papel deste fármaco na eliminação de surtos<sup>1</sup>.

No que diz respeito ao perfil de segurança do ofatumumab, David Paling nota que “alguns doentes tiveram dores de cabeça ou febre após a primeira administração, mas esses sintomas melhoraram logo na administração seguinte”. Segundo o neurologista, “a administração domiciliária é uma das grandes vantagens do ofatumumab”, como o comprova o *feedback* que tem recebido dos doentes. “Os nossos doentes têm uma vida ativa, com trabalho e outras responsabilidades, portanto, não terem de se deslocar ao hospital para receber o tratamento é um grande benefício, conferindo liberdade e empoderamento aos doentes”, remata David Paling. ✨

Referência: 1. Hauser S, et al. N Engl J Med. 2020;383(6):546-557.

Excertos em vídeo das entrevistas com os intervenientes no simpósio

## Comentário da moderadora

“Ofatumumab é um fármaco de alta eficácia, com um bom perfil de segurança, benéfico em todas as formas de EM surto-remissão, desde as fases mais iniciais da doença, que demonstrou benefícios, sobretudo, em doentes *naïve*, mas também em doentes jovens com doença agressiva ou como primeiro *switch* terapêutico<sup>1</sup>. Por isso, trata-se de um fármaco promissor no tratamento da EM, que nos leva a debater a possibilidade de inverter a pirâmide terapêutica, isto é, utilizarmos fármacos mais eficazes em fases mais precoces da doença.”

Dr.ª Lúvia Sousa, coordenadora da Consulta de Esclerose Múltipla do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

14h30 – 15h30

## PHDA ao longo da vida: diferentes especialidades, para diferentes necessidades



Dr. Pedro Cabral



Prof. Carlos Nunes Filipe



Dr.ª Ana Paula Silva

A abordagem e o tratamento da perturbação de hiperatividade e défice de atenção (PHDA) ao longo da vida dão o mote para um debate que decorre esta tarde. Procurando ir ao encontro da temática central deste congresso – a interdisciplinaridade –, a sessão irá juntar a Neurologia à Psiquiatria e à investigação básica.

Cláudia Brito Marques

A PHDA na criança será o tema da apresentação do Dr. Pedro Cabral, que além de ser bastante crítico do que considera ser um “sobrediagnóstico” desta condição, sobretudo a nível nacional, diz não concordar com o facto de o termo hiperatividade integrar a sua designação. “A classificação da doença, especialmente na adaptação para a língua portuguesa, não está bem conseguida, uma vez que o termo hiperatividade vem antes do défice de atenção, quando, na verdade, a maioria das pessoas com perturbação do défice de atenção não sofre de hiperatividade”, explica o neurologista pediátrico no Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental/Hospital Egas Moniz.

De acordo com Pedro Cabral, “sabe-se que a prevalência de PHDA em idade pediátrica ronda os 5 a 7%”, dependendo dos critérios. “Em Portugal, há uma tendência generosa para se diagnosticar facilmente esta perturbação, dado que os professores gostam de ter crianças sossegadinhas”, comenta. Nesse sentido, irá dirigir uma das mensagens-chave da sua intervenção diretamente aos neurologistas de adultos: “Antes de pensarem em catalogar, do ponto de vista diagnóstico, vejam bem se se trata de uma PHDA ou se parece desatenção e/ou hiperatividade”. No entender do clínico, este sobrediagnóstico combate-se com uma boa história clínica.

Segundo o neuropediatra, a importância de abordar o tema da PHDA no Congresso de Neurologia 2022 prende-se com o facto de “os neurologistas de adultos terem pouco contacto com esta per-

turbação, que na maior parte das vezes, quando é grave, se mantém de uma forma estável ao longo do percurso académico, profissional e social das pessoas, num contínuo entre o que se passa na infância, na adolescência e na idade adulta”.

### PHDA no adulto

Indo ao encontro das afirmações de Pedro Cabral, o Prof. Carlos Nunes Filipe defende que “a PHDA não é uma perturbação da infância, mas sim de toda a vida”. “Ao prolongar-se com intensidade, pode prejudicar, de forma determinante, a qualidade de vida do indivíduo e, por isso, carece da nossa intervenção”, reitera. Nesta sessão, o psiquiatra e professor associado da Faculdade de Ciências Médicas da NOVA Medical School, em Lisboa, abordará o papel da Psiquiatria no acompanhamento dos adultos com PHDA.

Contextualizando a temática, Carlos Nunes Filipe afirma que “cerca de 50% das crianças com PHDA diagnosticada em idade escolar terão a doença na idade adulta”. “Como tal, precisam de acompanhamento e de apoio terapêutico por parte dos neurologistas ou dos psiquiatras.” O acompanhamento dos adultos com PHDA pela Psiquiatria “acaba por ser muito mais comum, na medida em que são pessoas que apresentam um elevado número de comorbilidades psiquiátricas”.

Assim, “o insucesso e a falta de alcance dos objetivos determinam que estes indivíduos comecem a duvidar de si próprios, que a sua autoestima seja gravemente afetada e, conseqüentemente, que exista uma propensão para comorbilidades, como as perturbações de humor”, seja ansiedade ou depressão. Por outro lado, o preletor nota que

estes doentes apresentam muitas vezes “sinais de impulsividade, característica associada a consumos abusivos de álcool e drogas”.

### Efeito do metilfenidato no cérebro com PHDA

O parecer da investigação fundamental sobre este assunto será partilhado pela Doutora Ana Paula Silva, investigadora principal no Instituto de Investigação Clínica e Biomédica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Ficará à sua responsabilidade falar da relação entre os psicoestimulantes e o cérebro, focando-se nos efeitos do metilfenidato no cérebro com PHDA. “Irei sustentar a minha apresentação nas conclusões de dois estudos levados a cabo pela minha equipa de investigação, realizados com modelos celulares e animais, e que fugiram um pouco à componente neuronal, alvo tradicional dos estudos com psicoestimulantes, incidindo noutra tipo de células cerebrais, como os astrócitos, a microglia e a barreira hematoencefálica”, adianta.

Num desses estudos “concluiu-se que o metilfenidato, em determinada dose, quando administrado a um modelo animal de PHDA, tem um efeito benéfico. No entanto, o mesmo protocolo de administração a animais controlo, ou seja, sem PHDA, tem um efeito deletério”, completa Ana Paula Silva.

Além de uma contextualização sobre a neurobiologia da PHDA, a preleção da investigadora centrar-se-á na partilha dos resultados dos referidos trabalhos. “Ambos têm um grande foco na parte vascular do cérebro, ao nível da barreira hematoencefálica, e nas células da glia e respetiva componente inflamatória”, conclui.



Mensagens-chave, em vídeo, dos três oradores da sessão



## Estará o SNS em estado de coma?

A questão serve de ponto de partida para um dos mais aguardados debates do Congresso de Neurologia 2022, que decorre amanhã, contando com a participação do bastonário da Ordem dos Médicos, Dr. Miguel Guimarães, e da jurista e ex-ministra da Saúde, Dr.ª Maria de Belém Roseira, que se vão juntar aos neurologistas para debater o estado do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Um dos temas que estará em análise é o *burnout* dos profissionais de saúde.

Cláudia Brito Marques



Dr.ª Isabel Luzeiro

A ideia de que a “saúde” do próprio SNS se tem vindo a deteriorar, nos últimos anos, parece ser consensual e gera preocupação não só entre os seus profissionais, mas também na sociedade em geral. Com o intuito de tomar o pulso ao estado atual do SNS, diagnosticar os problemas que o afetam e pensar em soluções “curativas” e não apenas “paliativas”, a Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN) incluiu no programa deste seu congresso um debate que junta vários protagonistas do setor.

No entender da Dr.ª Isabel Luzeiro, presidente da SPN e neurologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), “o SNS de António Arnaut está a degradar-se”, o que se reflete nos “elevados níveis de exaustão dos profissionais de saúde, nomeadamente dos médicos”, mas também na “falta de reconhecimento das carreiras e do trabalho dos clínicos por parte da tutela”. A responsável aponta ainda, como reflexo desta degradação, a “falta de condições de trabalho que os médicos enfrentam nos hospitais do SNS, por comparação aos hospitais privados”, bem como a sobrecarga de tarefas administrativas e burocráticas e a escassez de recursos humanos.

“A pandemia veio expor e acentuar falhas que já existiam anteriormente, mas os médicos continuaram sempre a trabalhar, na linha da frente, e a compensação que tivemos, ao nível do reconhecimento profissional, foi um bilhete de futebol. A ausência de legislação para as carreiras médicas constitui uma falta de estímulo”, desabafa Isabel Luzeiro, sublinhando “o desgaste brutal em que os médicos se encontram atualmente” e lamentando a falta de ação dos governantes face a esta realidade.

### “O SNS está numa fase de transição”

Também o Dr. Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos, defende que “o SNS está como nunca esteve e precisa, efetivamente, de ser reanimado”. Para tal, são necessárias “mudanças estruturais profundas, que possam melhorar a capacidade de resposta do SNS e a qualidade de trabalho das pessoas que lhe dão vida”.

De acordo com o também médico, urologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, em Portugal, “o setor da Saúde vive atualmente uma fase de transição e há uma necessidade imperiosa de tomar medidas, de forma a responder melhor às necessidades dos cidadãos”. “Nós, médicos e profissionais de saúde em geral, já não conseguimos aguentar muito mais tempo tudo o que está a acontecer. Esta perceção começa a ser pública, mas parece que o Governo e os partidos políticos ainda não se deram bem conta da realidade, apesar da recente mudança da equipa ministerial e da criação de uma direção executiva para o SNS”, sublinha Miguel Guimarães.

Porém, “ainda não se sabe ao certo que funções terá



Dr. Miguel Guimarães



Dr.ª Maria de Belém Roseira



essa direção executiva e o SNS continua a estar na dependência do Ministério da Saúde a todos os níveis – regulação, fiscalização, financiamento (através dos orçamentos) e também ao nível de prestação de serviços”, afirma o bastonário. Para modernizar a gestão, adaptando-a melhor às necessidades dos utentes, “uma das medidas mais importantes seria separar do Ministério da Saúde algumas funções do SNS, nomeadamente a prestação de serviços”, defende Miguel Guimarães.

Segundo o bastonário, a prestação de serviços “deveria ser atribuída a um instituto público, independente do SNS, com um orçamento próprio para os vários hospitais e para os centros de saúde”. Esse organismo “teria como missão coordenar a prestação de serviços de saúde nas várias unidades do setor público, em colaboração também com setor privado e social, para assim assegurar uma gestão mais eficiente de todo o sistema”, advoga Miguel Guimarães.



Dr.ª Daniela Garcez, Dr. Miguel Seródio e Dr.ª Inês Cunha (da esq. para a dta.)

### “Estancar a hemorragia de profissionais para o privado”

Na opinião da Dr.ª Maria de Belém Roseira, que já foi ministra da Saúde e também da Igualdade, “o SNS está numa situação difícil, mas não está em estado de coma”. Isto porque, “todos os dias, há gente que não desiste, mas é preciso estancar a hemorragia de profissionais de saúde que saem do SNS para o setor privado ou para o estrangeiro”, alerta a jurista convidada para o debate de amanhã.

Para tal, “há metodologias de gestão de recursos humanos que o Estado, sobretudo na área da Saúde, deve adotar”, sugere Maria de Belém Roseira. E explica: “Sempre considerei que a Saúde é um ‘laboratório’ extraordinário para começar a alterar as formas de gestão das pessoas na Administração Pública. Há que ter realmente a noção de que gerir quem está em contacto com pessoas em situação de sofrimento não é o mesmo que gerir recursos humanos do setor burocrático, por exemplo.”

Para a ex-governante, nos dias de hoje, “é essencial que a gestão seja próxima das pessoas e capaz de reconhecer tudo o que fazem, proporcionando-

-lhes evolução nas carreiras e uma organização que facilite a conciliação do trabalho com a vida familiar, aspetos cada vez mais valorizados”. Assim, Maria de Belém Roseira exorta a tutela a “fazer um esforço para adotar regras inteligentes, que ajudem as pessoas a terem brio profissional, a gostarem do seu trabalho e a sentirem que os seus sacrifícios são recompensados”. Em jeito de conclusão, a jurista sublinha que “o SNS está mal em muitos aspetos, mas esses aspetos são remediáveis com as transformações necessárias para satisfazer a sociedade atual”.

### Investir na prevenção do burnout é crucial

Intimamente relacionado com a situação que se vive no SNS está, naturalmente, o problema crescente do *burnout* que afeta os profissionais de saúde. Por isso mesmo, o debate sobre o estado do SNS inclui uma reflexão sobre este tema, que, “a par do sofrimento ético e da violência contra os profissionais de saúde, é um grande problema já identificado, mas com o qual a tutela parece não se preocupar”, lamenta o bastonário da Ordem

dos Médicos, pedindo medidas concretas para ajudar os profissionais do SNS.

Na sessão, serão apresentados os resultados de um inquérito levado a cabo pela Comissão de Internos e Recém-Especialistas de Neurologia (CIREN), que procurou avaliar os níveis de *burnout* entre os médicos mais jovens desta especialidade (ver caixa). “Mais do que identificar um problema e abordar uma realidade que está desvalorizada, o nosso objetivo máximo é perceber como podemos melhorar esta situação. Há estudos que demonstram que o *burnout* é, sem dúvida, uma realidade dos dias de hoje, mas não havia nenhum estudo na Neurologia, muito menos durante o internato”, explica a Dr.ª Inês Cunha, presidente da CIREN e interna de Neurologia no CHUC, para quem “a solução desta problemática tem de passar pelo investimento na prevenção”.

Também interveniente no debate, a Dr.ª Daniela Garcez, neurologista no Centro Clínico da Fundação Champalimaud, em Lisboa, justifica o *burnout* e a insatisfação com as “condições de trabalho que os neurologistas enfrentam no SNS”. “Além do *burnout* dos internos, não nos podemos esquecer dos especialistas, que também têm de ser protegidos dessa ameaça”, alerta a presidente prévia da CIREN. 🌟



Assista às principais mensagens em vídeo dos intervenientes no debate de amanhã sobre o estado da saúde do próprio SNS.

## NÍVEIS ELEVADOS DE *BURNOUT* NOS INTERNOS DE NEUROLOGIA

O inquérito da CIREN obteve 88 respostas, o que corresponde a 60% do universo dos internos de Neurologia, identificando “níveis elevados de *burnout*”, como indica o Dr. Miguel Seródio, interno de Neurologia no Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental/Hospital de Egas Moniz. Nesta análise, foram avaliados os três indicadores que compõem o *burnout* – exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional – e “os níveis registados vão ao encontro da literatura nacional e internacional que versa sobre o tema”.

O inquérito aplicado pela CIREN procurou, ainda, identificar as principais fontes de stresse, que podem justificar a elevada taxa de *burnout*. “A carga laboral foi a razão mais apontada, com 30% de respostas, seguindo-se as tarefas relacionadas com o desenvolvimento profissional (estudo, atividades científicas), depois, a relação com os colegas”, revela Miguel Seródio. Os resultados do inquérito também apontam para possíveis soluções. “Embora haja medidas individuais, a literatura mostra que a adoção de medidas institucionais é muito mais eficaz contra o *burnout*, cujas complicações não se limitam ao bem-estar dos profissionais de saúde, acabando por afetar também os doentes e por trazer consequências económicas”, evidencia o interno de Neurologia.



# Relações entre a Neurologia e o universo das aves

Qual a relação entre as galinhas e a síndrome de Guillain-Barré? Que particularidades do córtex cerebral se desenvolvem no cérebro de um observador de aves? As aves são animais inteligentes? Estas são algumas das questões às quais o **Dr. Luís Santos, responsável pela Consulta de Doenças Neuromusculares do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental/Hospital de Egas Moniz e também birdwatcher**, tentará responder durante a sua preleção.

Marta Carreiro



## Como surgiu a ideia para a temática da sua conferência – “Galinhas e síndrome de Guillain-Barré, o cérebro dos observadores de aves e a inteligência das aves”?

A ideia partiu da Dr.ª Isabel Luzeiro, que, no âmbito da interdisciplinaridade, tema base deste congresso, e sabendo do meu interesse pela Ornitologia já desde há muito tempo, decidi lançar-me o desafio de fazer uma apresentação, na qual eu conseguisse combinar estes dois mundos: a Neurologia e o universo das aves. Nesse sentido, decidi focar três tópicos: as galinhas e a síndrome de Guillain-Barré, o cérebro dos observadores de aves e a inteligência das aves.

## Relativamente ao primeiro tópico, que relação existe, então, entre as galinhas e a síndrome de Guillain-Barré?

Sendo a síndrome de Guillain-Barré uma doença que causa paralisia muscular aguda, não é desde logo visível a relação que possa ter com as aves, em

particular as galinhas. Por ser uma relação aparentemente improvável é que acredito que seja um assunto que vá suscitar curiosidade na audiência, motivo pelo qual não quero ainda adiantar muito sobre este tema.

## E no que diz respeito ao cérebro dos observadores de aves, existem especificidades?

Esta é uma área que tem sido alvo de estudos nos últimos anos, pois, de facto, têm-se identificado algumas alterações no cérebro das pessoas que se dedicam ao *birdwatching*. Na realidade, o que sucede é que há uma determinada área do córtex cerebral que é recrutada nas pessoas que se dedicam a esta atividade, área essa que é, habitualmente, utilizada para outro tipo de função e que, curiosamente, também é recrutada nas pessoas com alguma experiência na identificação de diferentes espécies de aves.

## Não é novidade falar-se de inteligência relativamente a alguns animais, no entanto, as aves não têm sido tão associadas a essa faculdade. O que vai apresentar a esse respeito?

Esta é uma oportunidade de partilhar com os colegas neurologistas a minha paixão pelas aves, estabelecendo diferenças e semelhanças entre o sistema nervoso dos humanos e o das aves. Vou dar vários exemplos das capacidades cognitivas das aves, que, muitas vezes, são subestimadas ou mesmo totalmente desconhecidas. Ainda nos dias de hoje, persiste a ideia de que as aves não são dos animais mais inteligentes. Quando falamos em animais inteligentes, pensamos, tipicamente, nos chimpanzés, nos golfinhos, nas baleias... Na realidade, certas espécies de aves são tão ou mais inteligentes do que esses animais que acabei de citar. Na conferência, darei vários exemplos que

mostram isso mesmo em vários domínios, como a linguagem, a memória e a orientação espacial.

## As aves comunicam?

As aves vocalizam, embora nós não consigamos decodificar a sua linguagem, na maior parte dos casos. Ainda assim, há um conjunto de vocalizações que conseguimos associar a determinadas intenções: “Está um predador próximo”; “Este território é meu, não venhas cá”; “Aquela é uma boa zona de alimentação, vem comigo”... Portanto, as aves comunicam entre elas, existindo comunicação interespecíficas, isto é, aves de diferentes espécies conseguem emitir sons entendidos por outras, nomeadamente esses chamamentos de alarme, facilmente apreendidos por várias espécies de aves, que interpretam esse chamamento todas da mesma maneira.

## Vai apresentar evidência científica sobre a inteligência das aves?

Não quero que a minha apresentação seja demasiado pesada nesse sentido, mas vou falar de um ou de outro trabalho sobre as capacidades das aves. Se o tempo o permitir, também mostrarei pequenos vídeos demonstrativos das capacidades das aves. Aliás, um dos exemplos que vou dar é o de um papagaio que tem sido muito estudado por ter um vocabulário de cerca de 950 palavras. Quando está perante uma ideia ou um conceito novo, se, no seu vocabulário, não está nenhuma palavra adequada para esse conceito, ele é capaz de criar palavras e frases novas, que nunca tinha utilizado.

## Quais são as suas expectativas para a conferência?

A minha esperança é que, depois de me ouvirem, as pessoas passem a encarar as aves de uma forma diferente e reconheçam que são seres fascinantes, com capacidades notáveis em vários domínios. Devemos respeitá-las, acarinhá-las e fazer o que está ao nosso alcance para que continuem a usufruir do nosso planeta da mesma maneira que nós usufruímos. 🌸



O Dr. Luís Santos partilha mais curiosidades sobre a inteligência de algumas espécies de aves

## Sabia que...

... há espécies de aves que têm capacidades mais desenvolvidas do que outras?

Embora não em todos os domínios, uma das espécies que mais se destaca pela sua inteligência são os corvídeos – a família dos corvos, gralhas e pegas. Também os psitacídeos, família dos papagaios e dos periquitos, se demarcam das demais espécies pelas suas capacidades cognitivas.



**MERCK**

11h30 – 12h15

## “O futuro na EM passa por tratarmos os doentes mais precocemente com terapêuticas de alta eficácia”

O estado da arte e a inovação aguardada na abordagem terapêutica da esclerose múltipla (EM) dão o mote para a Conferência Fernando Lopes da Silva, que terá como orador o **Prof. Xavier Montalban, neurologista no Hospital Universitário Vall d’Hebron, em Barcelona**. Em entrevista, o especialista espanhol antevê, para breve, um novo capítulo no tratamento desta doença, fruto da utilização dos inibidores da tirosina cinase de Bruton em primeira linha.

Cláudia Brito Marques



DR

inamatória crónica, responsável pelo avanço da incapacidade. Pensa-se que, de alguma forma, também possam ter um efeito direto nas células neuronais.

### Estes fármacos já estão a ser utilizados na prática clínica?

Sim, particularmente no tratamento de doenças oncológicas. O ibrutinib, que foi o primeiro desta classe a ser aprovado pela Food and Drug Administration, tem vindo a ser utilizado com indicação no tratamento de neoplasias do sangue há vários anos. A evidência mostra que os iBTK constituíram uma verdadeira mudança de paradigma no tratamento destas doenças malignas das células B. Até agora, na EM, há dois ensaios clínicos publicados, com o ibrutinib e o evobrutinib, ambos com resultados positivos. Há, ainda, mais quatro moléculas a serem investigadas, sendo que em duas destas a investigação não se concentra na EM, mas noutras doenças autoimunes.

### O que nos mostram os resultados destes estudos e o que nos diz a sua experiência clínica com estes fármacos?

No ensaio com evobrutinib, comparámos diferentes doses do fármaco *versus* placebo e *versus* um braço com fumerato de dimetilo. Quanto ao objetivo primário – número de lesões ativas em ressonância magnética –, o evobrutinib na dose de 75 mg (uma ou duas vezes ao dia) demonstrou eficácia superior ao placebo. Como tal, a farmacêutica decidiu avançar para ensaios de fase III, atualmente a decorrer na EM recidivante remitente.

### Quais os doentes que mais beneficiam dos iBTK?

É difícil de responder, antes de conhecer os resultados. Não quero estar a especular... Teremos de aguardar até setembro do próximo ano, altura em que já deveremos conhecer os resultados dos ensaios de fase III e, assim, chegar a algumas respostas a essa questão. No entanto, posso dizer que sou otimista por natureza. Quatro companhias a levarem a cabo 11 ensaios clínicos de fase III é um investimento gigantesco, pelo que espero que os resultados sejam positivos e que não tenhamos nenhuma desilusão.

### Como antevê o tratamento da EM no futuro?

Entrando no domínio da especulação, acredito que vamos tratar um cada vez maior número de doentes com terapêuticas de alta eficácia em primeira linha, atingindo desta forma a inatividade da doença durante mais longos períodos de tempo, e permitindo desescalar para terapêuticas orais. Talvez também venhamos a ter terapêuticas combinadas (há dois ensaios atualmente a decorrer nesse sentido).

### Qual a mensagem-chave a reter da sua conferência?

A ideia de que estamos bem. Nos últimos anos, registámos muitos avanços e o prognóstico dos nossos doentes é hoje completamente diferente. Isso deve-se ao diagnóstico e à crescente instituição de, cada vez mais precocemente, das terapêuticas de alta eficácia em primeira linha. Nos próximos anos, vamos confirmar a eficácia dos iBTK e talvez se abra um novo capítulo no tratamento da EM. 🌟

### Qual vai ser o tema central da sua conferência?

Em Aveiro, pretendo proceder, juntamente com os meus colegas portugueses, a uma revisão dos aspetos fundamentais do estado da arte da terapêutica da EM, focando-me na utilização precoce das chamadas terapêuticas de alta eficácia. Chamarei ainda a atenção para a lacuna terapêutica que persiste ao nível da progressão da doença e da incapacidade. Nesse âmbito, falarei de uma nova classe de moléculas, que são os inibidores da tirosina cinase de Bruton (iBTK na sigla em inglês). Atualmente, há 11 ensaios clínicos de fase III, levados a cabo por quatro companhias farmacêuticas, com iBTK.

### O que importa saber sobre os iBTK?

Estes medicamentos apresentam um mecanismo dual – atuam na periferia, nomeadamente nas células B, mas são capazes de transpor a barreira hematoencefálica e atuar na microglia. Isto significa que pode existir algum efeito na atividade

## AS NECESSIDADES MÉDICAS NÃO ATENDIDAS E A MEDICINA DE PRECISÃO NA EM

No que respeita a necessidades médicas não atendidas na EM, Xavier Montalban sublinha que “o grande ‘buraco negro’ é a neurodegeneração”. Segundo o neurologista, esta realidade é válida não só para a EM, mas para várias outras patologias neurológicas, como a doença de Parkinson. “Ainda não temos fármacos neuroprotetores ou neuroregenerativos eficazes”, sustenta, a este propósito.

Quanto à integração do conceito de medicina de precisão na abordagem terapêutica da EM, refere que “essa ainda não é uma realidade”, ainda que, no seu entender, a medicina de precisão não seja assim tão díspar da medicina personalizada, em termos de princípios e aplicação na prática.

Mais pormenores sobre a apresentação do Prof. Xavier Montalban

**sanofi**

## Balanço do último triênio da *Sinapse* e projeções para o futuro



Prof.ª Catarina Resende de Oliveira



Dr. Filipe Palavra

Enquanto órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN), a revista *Sinapse* volta a ter um espaço próprio no Congresso de Neurologia 2022. Na sessão, os responsáveis pela publicação procederão a um balanço do mais recente triênio, partilhando, também, os objetivos estabelecidos a curto e médio prazo. No final, será ainda divulgado o vencedor do Prémio *Sinapse*.

Cláudia Brito Marques

**D**e acordo com a Prof.ª Catarina Resende de Oliveira, editora-chefe da *Sinapse*, os números referentes aos últimos três anos revelam um interesse crescente na publicação da SPN. “Temos tido um volume relativamente bom de submissões, maioritariamente por parte dos jovens neurologistas, que enviam os seus trabalhos para divulgação na revista”, afirma a também professora jubilada da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Por sua vez, o Dr. Filipe Palavra, vice-presidente e secretário-geral da SPN, salienta o crescimento constante da *Sinapse* em si. “Durante o nosso mandato, conseguimos editar alguns suplementos que dizem respeito a resumos de trabalhos científicos apresentados em reuniões da SPN. A par disso, também editamos orientações terapêuticas e critérios de diagnóstico, resultantes de parcerias importantíssimas que temos estabelecido com outras sociedades científicas, cumprindo sempre a periodicidade trimestral da publicação.”

Prestes a completar 21 anos de existência, a *Sinapse* é, na óptica do neurologista pediátrico no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, “uma revista madura e de muita qualidade e um instrumento de valor incrível para a Sociedade”. O Espaço *Sinapse* servirá, sobretudo, para insti-

gar a assistência ao envolvimento neste projeto. “A revista é de todos e para todos, podendo ser aquilo que as pessoas quiserem que ela seja. Se não houver uma mobilização coletiva no sentido de todos contribuímos para aumentar a visibilidade da *Sinapse*, corremos o risco de ser ultrapassados por outras publicações com muito maior visibilidade no mundo global em que vivemos”, reitera Filipe Palavra.

### Internacionalização, indexação e atribuição de fator de impacto

De acordo com Catarina Resende de Oliveira, a grande aspiração para a revista, num futuro próximo, é “melhorar o nível de indexação da Embase para uma base de divulgação mais lata, como a Web of Science”. Para tal, Filipe Palavra defende que será necessário “dar um salto no que diz respeito às bases de dados nas quais a revista pode ser encontrada e em que está indexada”. “Isso faz-se aumentando o índice de citação de trabalhos publicados na *Sinapse*.”

Outro desafio identificado é a almejada abrangência internacional. “A nossa expectativa é que a *Sinapse* ganhe outra amplitude no que diz respeito à sua visibilidade internacional. Este é o passo que nos falta dar. Para isso, mais uma vez, precisamos de atrair mais investigação, nomeadamente investigadores de abrangência internacional, para que a revista deixe de ser

maioritariamente composta por massa crítica portuguesa”, explica o vice-presidente da SPN.

A atribuição de um fator de impacto é o derradeiro desiderato, conforme advoga Catarina Resende de Oliveira. “Espero que a *Sinapse* continue a ser uma revista atrativa, não só para os neurologistas mais jovens, mas também para os mais séniores e, assim, todos em conjunto, contribuímos e esforçarmo-nos para que a revista consiga atingir a meta da atribuição de um fator de impacto”, conclui. 🌟

### Prémio *Sinapse* distingue “melhor artigo” de 2021

O Prémio *Sinapse* foi instituído com o intuito de premiar aquele que é considerado o melhor artigo por um júri nomeado pela SPN. São candidatos a esta distinção os artigos publicados na *Sinapse* durante o ano transato, pelo que, nesta edição, será premiado “o melhor artigo de 2021”, explica Catarina Resende de Oliveira.

Quanto ao processo de seleção, a editora-chefe da revista esclarece que “há uma votação individual pelos membros do júri, que tem em conta fatores como a qualidade científica, o número de acessos/leituras – o que de, uma forma indireta, dá uma ideia do impacto que aquele artigo teve na comunidade nacional de neurologistas – e a originalidade”. Posteriormente, há uma análise final conjunta e é selecionado o artigo que melhor preenche os requisitos, ou seja, “aquele que teve maior impacto, que é mais significativo, que tem uma boa qualidade científica e que, no fundo, foi mais informativo/formativo para a comunidade da Neurologia”.



Comentários em vídeo sobre o último triênio da *Sinapse*, com considerações para um futuro próximo

*Lilly*

17h00

## SPN volta a premiar trabalhos de excelência

**A**o final da tarde, durante a sessão de encerramento, serão anunciados os vencedores dos prémios António Flores e Orlando Leitão, assim como das bolsas Nunes Vicente, Pereira Monteiro de Apoio à Investigação Translacional e Egas Moniz. De acordo com o Dr. Miguel Rodrigues, tesoureiro da Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN), “é fundamental apoiar os especialistas e os internos quer na vertente da formação, quer na componente de investigação”. Por isso, os prémios destinam-se a ambos os grupos.

“A SPN, enquanto principal sociedade que agrega os neurologistas, quer ser o maior patrocinador e apoio destes médicos e cientistas, que sempre trarão novidades do ponto de vista da ciência, mas também da clínica”, destaca o também coordenador da Unidade de Acidente Vascular Cerebral do Hospital Garcia de Orta, em Almada.

O prémio António Flores, que conta já com mais de dez anos de existência, “distingue, pecuniariamente, o primeiro (1 000€) e o segundo (500€) melhores cartazes apresentados no congresso”. Serão também anunciadas as comunicações orais galardoadas com o prémio Orlando Leitão. Este, ligeiramente mais recente, “também se destina apenas aos trabalhos que são apresentados no

evento anual”. Cada uma das três melhores comunicações orais recebe um prémio no valor de 1 500€ e 500€ são entregues ao primeiro autor da comunicação, desde que este seja médico interno dos dois primeiros anos da formação específica em Neurologia.

De igual forma, será apresentado o vencedor da bolsa Nunes Vicente, criada em 2021, com o apoio da Alter. “A bolsa Nunes Vicente



é atribuída a internos em formação, sendo o seu intuito distinguir um trabalho que incida sobre aspetos das doenças neurológicas, na descrição destas doenças e que seja apresentado no Congresso de Neurologia”, contextualiza o tesoureiro da SPN. O valor do prémio traduz-se em apoio oferecido “para um congresso, artigos ou qualquer tipo de despesa que o interno pretenda fazer para a sua formação”.

A bolsa Pereira Monteiro de Apoio à Investigação Translacional (apoio Pfizer), por sua vez, vai anunciar os vencedores da sua segunda edição. A iniciativa tem como intuito “premiar com 10 000€ projetos de investigação que tenham algum aporte científico, de tal modo que possam vir a ser relevantes em contexto clínico”. As iniciativas podem abranger desde as ciências básicas, à investigação animal, até à investigação com outros modelos experimentais. Como explica Miguel Rodrigues, é “bastante concorrida, também porque este tipo de apoios são muito importantes hoje em dia, principalmente em Portugal, para se conseguir prosseguir e fazer investigação em todas as áreas”.

No mesmo dia, por volta das 15h30, serão divulgados os vencedores das bolsas Egas Moniz de 2022. “Estas são atribuídas aos internos que, por norma, fizeram formação em centros de excelência no estrangeiro, tendo o propósito de ajudar nos custos inerentes a uma estadia fora de Portugal”, explica. Os formandos candidatam-se e, habitualmente, os premiados recebem o apoio após a conclusão dos seus estágios.

✿ Diana Vicente

## Exposição fotográfica “O Alentejo, o homem e a terra”



Dr. Luís Negrão (à dta.) acompanhado pelo curador Hugo Dinis

**C**ontinuando a sua aposta na vertente cultural, a Sociedade Portuguesa de Neurologia (SPN) convidou o Dr. Luís Negrão, colecionador por paixão, a organizar uma exposição fotográfica para o Congresso de Neurologia 2022. Não é a primeira vez que o neurologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra prepara uma exposição

para uma reunião da SPN – em maio passado, no âmbito do Fórum de Neurologia, expôs uma série de fotografias de Eduardo Gageiro, pertencentes à *Coleção Luís Negrão e Família*, para uma exposição evocativa do 25 de Abril de 1974.

Desta feita, o Contro de Congressos de Aveiro recebe, durante três dias, a exposição “O Alentejo,

o homem e a terra”, uma seleção de 15 fotografias que, segundo Luís Negrão, “retratam as pessoas, a sua relação com a terra, as paisagens urbana e rural do Alentejo, deixando transparecer a identidade e a singularidade desta região, bem como o seu contributo para os patrimónios cultural, artístico e gastronómico portugueses”.

As fotografias são todas da autoria do fotógrafo alentejano António Cunha e fazem parte da *Coleção Luís Negrão e Família*. O neurologista salienta a “personalidade forte e criativa de António Cunha, que tem décadas de trabalho de intervenção cultural, artística e social, não só em Portugal, mas também no estrangeiro”. Segundo Luís Negrão, trata-se de um fotógrafo que “mostra um gosto especial pela pesquisa e pela preservação, para memória futura do que existiu e aconteceu em Portugal, particularmente no Alentejo”.

A exposição, que está patente para visita desde ontem e até amanhã, tem também um espaço de apresentação no programa de hoje, sexta-feira, entre as 15h30 e as 16h00, no qual participam Luís Negrão e o curador Hugo Dinis. “Queremos mostrar o Alentejo puro, num conjunto de dimensões reais e abstratas, paisagísticas e humanas”, conclui o neurologista. ✿ Marta Carreiro



**Biogen**™

# Instantes



## Ficha Técnica



**Propriedade:**  
**Sociedade Portuguesa de Neurologia**  
Travessa Álvaro Castelões, n.º79, 2.º andar,  
sala 9, 4450-044 Matosinhos  
Tlm.: (+351) 933 205 202  
Secretariado: NorahsEvents, Lda.  
Tlf.: (+351) 220 164 206  
[www.spneurologia.com](http://www.spneurologia.com)



esfera das ideias  
PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

**Edição:** Esfera das Ideias, Lda.

Rua Eng.º Fernando Vicente Mendes, n.º 3F (1.º andar), 1600-880 Lisboa  
Tlf.: (+351) 219 172 815 / (+351) 218 155 107 • [geral@esferadasideias.pt](mailto:geral@esferadasideias.pt)

[www.esferadasideias.pt](http://www.esferadasideias.pt) • [issuu.com/esferadasideias01](https://issuu.com/esferadasideias01)

**Direção de projetos:** Madalena Barbosa ([mbarbosa@esferadasideias.pt](mailto:mbarbosa@esferadasideias.pt))  
e Ricardo Pereira ([rpereira@esferadasideias.pt](mailto:rpereira@esferadasideias.pt))

**Textos:** Cláudia Brito Marques, Diana Vicente, Madalena Barbosa,  
Marta Carreiro e Pedro Bastos Reis

**Design/Web:** Herberto Santos e Ricardo Pedro

**Fotografias:** Pedro Gomes Almeida e Rui Santos Jorge

Patrocinadores desta edição:





VER MAIS FOTOGRAFIAS COM INSTANTES DO CONGRESSO DE NEUROLOGIA 2022

PUB

PUBLICIDADE



PUBLICIDADE

 **NOVARTIS** | Reimagining Medicine